
A ESCRITA QUE TRANSPÕE DORES SILENCIADAS:
Uma análise da narrativa de Lília Momplé na obra *Neighbours*

THE WRITING THAT TRANSPONES THE SILENCED PAIN:
An analysis of Lilia Momplé narrative in the work *Neighbours*.

ESCRITURA QUE TRANPONE EL DOLOR SILENCIOSO:
Um análisis de lanarrativa de Lilia Momplé em los vecinos del trabajo.

Ana Carolina da Luz Nunes

Graduanda em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)- nunescarol052@gmail.com

Josenildo de Jesus Pereira

Doutor em História Social (USP), pesquisador e professor Associado I do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão - jj.pereira@ufma.br

Recebido em: 01/02/2021

Aceito para publicação: 17/03/2021

Resumo

O romance de Lília Momplé intitulado *Neighbours*, por meio das narrativas, possibilita ao leitor identificar o cenário político e social de Moçambique após o colonialismo e, do mesmo modo, como o movimento de apartheid transpôs fronteiras intervindo na dinâmica social. Essa ferramenta possibilitou também a identificação de sujeitos dentro da história de Moçambique, sobretudo, daquelas cujas vozes foram silenciadas e apagadas pela história oficial. Para além das relações de poderes e acordos externos, existiam cotidianos e vivências que antecede o anseio pela construção de um Estado Nacional, as guerras civis que perduraram por 16 anos controlaram a vida privada e corpos que foram violentados por um sistema construído nas bases do colonialismo português, nova cidadania e novas relações culturais estavam sendo idealizadas. O objetivo do artigo é contextualizar a dinâmica política social de Moçambique pós-colonial a fim de conhecer a historicidade moçambicana e expor as experiências traumáticas dos personagens e suas possíveis associações com a realidade, explorando noções de história, de sujeito, de tempo e de espaço contidas no enredo. Para tanto, utilizamos fontes bibliográficas acerca da historicidade de Moçambique e sobre os percursos da literatura moçambicana e as entrevistas publicadas pela Revista Literatas no período de 2012.

Palavras-Chave: Literatura, Moçambique, Pós-colonial, Guerra Civil, Escrita Feminina.

Abstract

Lília Momplé's novel entitled *Neighbors*, through narratives, allows the reader to identify the political and social scene of Mozambique after colonialism and, likewise, how the apartheid movement crossed borders intervening in social dynamics. This tool also made it possible to identify subjects within the history of Mozambique, especially those whose voices were silenced and erased by official history. In addition to the relations of powers and external agreements, there were daily lives and experiences that precede the yearning for the construction of a National State, the civil wars that lasted for 16 years controlled the private life and bodies that were violated by a system built on the basis of colonialism Portuguese, new citizenship and new cultural relations were being idealized. The objective of the article is to contextualize the social political dynamics of post-colonial Mozambique in order to understand Mozambican historicity and expose the characters' traumatic experiences and their possible associations with reality, exploring notions of history, subject, time and space. contained in the

plot. To this end, we used bibliographic sources about the historicity of Mozambique and the routes of Mozambican literature and the interviews published by Revista Literatas in the period of 2012.

Key words: Literature, Mozambique, Post-colonial, Civil War, Female Writing

Resumen

La novela de Lília Momplé titulada *Vecinos*, a través de narrativas, permite al lector identificar el escenario político y social de Mozambique después del colonialismo y, así mismo, cómo el movimiento del apartheid cruzó fronteras interviniendo en dinámicas sociales. Esta herramienta también permitió identificar sujetos dentro de la historia de Mozambique, especialmente aquellos cuyas voces fueron silenciadas y borradas por la historia oficial. Además de las relaciones de poderes y acuerdos externos, se vivieron vivencias y vivencias cotidianas que anteceden el anhelo por la construcción de un Estado Nacional, las guerras civiles que duraron 16 años controlaron la vida privada y los cuerpos que fueron violados por un sistema construido. sobre la base del colonialismo portugués se idealizaban la nueva ciudadanía y las nuevas relaciones culturales. El objetivo del artículo es contextualizar la dinámica sociopolítica del Mozambique poscolonial para comprender la historicidad mozambiqueña y exponer las experiencias traumáticas de los personajes y sus posibles asociaciones con la realidad, explorando nociones de historia, sujeto, tiempo y espacio. la trama. Para ello, se utilizaron fuentes bibliográficas sobre la historicidad de Mozambique y las rutas de la literatura mozambiqueña y las entrevistas publicadas por Revista Literatas en el período de 2012.

Palabras clave: Literatura, Mozambique, Poscolonial, Guerra civil, Escritura femenina.

Introdução

O colonialismo influenciou minha escrita, porque eu tinha que me livrar daquela carga psicológica que uma criança, uma jovem tem que viver numa sociedade ao contrário em que havia meia dúzia de pessoas de outra raça que mandavam em bilhões de outra raça {...} eu tinha raiva do colonialismo. (Entrevista com Lilia Momplé a STV, 26 de novembro de 2016)

Lília Momplé por meio da sua escrita expõe dores de sujeitos dilacerados, em sua subjetividade, pelo sistema colonial levado a cabo por Portugal sobre o território do atual estado de Moçambique; mas, também, pelas guerras civis e atentados verificados no tempo imediato à independência entre os protagonistas da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO) e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), ou seja, os grupos rivais que lutavam pelo controle do poder do Estado.

O contato com a obra desta autora me instigou a refletir acerca de inúmeras questões, dentre as quais a relação entre a Literatura e a História para o conhecimento da historicidade de Moçambique, analisando a lógica da escrita feminina africana de língua portuguesa no contexto pós-colonial. Para tanto se escolheu o romance *Neighbours* escrito pela romancista moçambicana Lilia Maria Clara Carriere Momplé.

Lilia Momplé nasceu na Ilha de Moçambique no dia 19 de março de 1935, descende

de vários elementos étnicos, incluindo macua, francês, indiano, chinês e mauriciano. Seu pai era operário e sua mãe doméstica, aos 10 anos de idade, por influência de suas professoras da escola secundária de Nampula foi a Lourenço Matos para concluir os estudos no Liceu. Após concluir o sétimo ano, pelas boas notas, conquistou uma bolsa de estudos na Faculdade de Letras em Portugal.

Licenciou-se em Serviço Social pelo Instituto de Serviço Social de Lisboa, passando a trabalhar em Lisboa, Maputo e em São Paulo como Assistente Social entre as décadas de 1960 e 1970. Em Moçambique, ela foi professora de inglês e língua portuguesa na escola secundária da Ilha de Moçambique entre 1970 e 1981. De 1992 a 1998 foi diretora do Fundo para *Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique* (FUNDAC) e de 2001 a 2005 fez parte do Conselho Executivo da UNESCO. No meio literário Lília Momplé esteve na Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) entre os anos de 1991 a 2001 como secretária geral e presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Em entrevista Lília expõe alguns motivos que a inspiraram a escrever...

Pergunta- Como foi que tudo começou? O que é que a levou para a literatura?

Lília Momplé: Vários motivos me levaram à literatura e um deles foi o facto de ter nascido na Ilha de Moçambique. Tive lá uma infância muito feliz na medida em que fui muito livre. A minha casa ficava a dez metros da praia. Era uma Ilha muito mítica e eu me lembro de olhar para aquela beleza toda e dizer ou pensar em um dia escrever aquilo que via e isso foi o que me levou a querer abraçar uma arte qualquer. Podia ser pintura ou escultura. Algo que me ajudasse a preservar e divulgar aquela beleza da Ilha. Mas o mais importante ainda foi o facto da minha avó macua ter tido o hábito de me adormecer a contar histórias tradicionais dos macuas. Ela contava com muita vida, com muita alma e eu adormecia ouvindo aqueles contos maravilhosos e fantásticos dos coelhos, dos leopardos, das princesas e etc. Tudo aquilo foi enchendo o meu imaginário de maneira que eu pensava sempre na possibilidade de poder escrever o que ela contava. Escrever foi uma maneira de render uma homenagem a essa minha avó pelo facto de ela me ter aberto o imaginário para a vida. (Entrevista a FEIJÓO K, 17 de julho de 2018)

Conforme sublinha Carmen Secco (2007, p. 392) “na maioria das literaturas, poucas foram as mulheres que conseguiram maior visibilidade para seus escritos e que a escrita feminina africana, em particular, foi quase inexistente no período colonial e mesmo no período de luta de libertação nacional”.

É por isso que como destaca John Rex (2007, p. 442), o ato de escrever para a

escritora africana representa um projeto vital e central para a imagem da própria mulher individualizada ou coletivamente concebida, “de modo que o autobiográfico e o biográfico, a reportagem e a historiografia, o testemunhal e ficcional se mesclam e se interpenetram.”

Em sua escrita a autora tratou de uma diversidade de temáticas. Neste artigo, se quer compreender como e porque a autora constitui a sua produção literária como um campo de conhecimento relativo à historicidade de Moçambique pós-colonial. Para tanto, se analisará a obra *Neighbours* explorando as suas noções de história, de sujeito, de tempo e de espaço contidas no enredo desta obra de narrativa ficcional.

Em 1995, Lília Momplé publicou a obra *Neighbours* pela primeira vez. Nesta, por meio da experiência de vida dos seus personagens, ela trata de aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos de Moçambique. O enredo da obra é a experiência de vida de três famílias, em situações simultâneas, entre as 19 horas da noite às 8 horas de um dia do mês de maio do ano de 1985, em Maputo, vítimas de um atentado violento organizado pelo regime de apartheid e seus apoiadores.

Entrelaçamentos possíveis entre História e Literatura

O conceito de fonte no contexto do processo de produção de conhecimento na História já sofreu alterações quanto a sua tipologia e sentido a partir da chamada “Escola dos Annales”, em 1929, porque os seus protagonistas fundadores - Marc Bloch e Lucien Febvre – na articulação da crítica teórica e metodológica à prática historiográfica positivista ressignificaram o conceito de fontes históricas sublinhando a importância da interdisciplinaridade como procedimento da disciplina História.

A partir daí, historiadores de gerações subsequentes tal como, Roger Chartier compreenderam que a escrita da narrativa histórica tem um caráter subjetivo e que outros campos também podem produzir narrativas acerca das experiências individuais e coletivas com os seus métodos próprios. Dentre esses a Literatura. A este respeito o historiador francês sublinha que,

Nossa obrigação não é mais a de reconstruir a história, como o exigia um mundo, por duas vezes levado à ruína, mas a de entender melhor e aceitar que, nos dias de hoje, os historiadores já não têm o monopólio das representações do passado. As insurreições da memória, tanto como as seduções da ficção, fazem-

lhes fortes concorrências. (CHARTIER, 2010 p.12)

A abertura para o diálogo com outras áreas como a psicologia, antropologia e a literatura pôs em xeque os procedimentos metodológicos e a forma narrativa do historicismo alemão. Nesse contexto, o campo da Nova História foi sendo articulado trazendo consigo “Novas abordagens”, “novos objetos”, “novos problemas”. Esse processo se consolidou a partir do final dos anos 1970, com a chamada Crise dos Paradigmas, na qual a História como ciência do conhecimento passou por uma virada epistemológica na produção historiográfica. Atrrelado a nova história cultural um dos conceitos centrais que surgiu e que o utilizo como base neste artigo é o de representação. Este, conforme Le Goff,

é a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. (apud. PESAVENTO, 1995, p. 15)

Nesse contexto, a Literatura configurada por meio da liberdade artística de quem a pratica em seus gêneros como novelas, contos, poesias e romances, se faz pela relação entre a ficção e a realidade representada em metáforas e outros recursos próprios da linguagem literária tal como são verificáveis nas narrativas de Lília Momplé em *Neighbours*.

Mas, não é demais sublinhar que a Literatura não é subordinada à História e vice-versa. No entanto, a sua produção pode ser um recurso importante para se apreender subjetividades e fenômenos que escapam aos historiadores. Nesse sentido, a produção literária pode ser “fonte” de inspiração e uma ferramenta para historiadores no processo de construção de suas narrativas acerca dos temas-problemas de investigação.

A este respeito, Hayden White (1995) ao analisar autores clássicos da historiografia como Jules Michelet, Leopold Von Ranke, Alexis de Tocqueville e Jacob Burckhardt, salienta que há uma linha tênue entre o discurso historiográfico e a escrita literária porque encontrou no discurso desses autores a presença de estilos retóricos e gêneros deste último. Nesse sentido, a despeito das críticas que lhe foram debitadas, a obra dele contribuiu de forma significativa para se perceber a literatura como forma de “resgate” de representações coletivas do passado que não foram percebidas com o uso de métodos preexistentes na pesquisa histórica. Em consonância com esta perspectiva, Le Goff salienta que lidar com as representações “permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito” (LE GOFF, 1996. p.7).

Hoje, já é uma prática usual. Mas, requer que se adote metodologias consistentes para utilização da literatura como documento, de forma concisa, na construção da narrativa histórica. A relação entre história e literatura emergiu em meio às últimas transformações teórico-metodológicas. A Literatura é fundamentada em ficcionalidades que produzem dimensões concretas da experiência vividas por sujeitos históricos.

Nesse sentido, para os historiadores a Literatura pode ser qualificada como discurso e objeto de pesquisa ao se considerar que há pontos convergentes entre estes campos. Se, por um lado, a História conquistou o seu estatuto de cientificidade a partir do manuseio de fontes, de métodos na construção de análise de objetos objetivados em narrativas relativas à dimensão material de sujeitos efetivos, a Literatura, também; embora sob a forma de produção artística sem restrições para a imaginação de quem escreve tal como se verifica em narrativas de romances, contos e outros gêneros literários. Mas, o que é evocado nestes procedimentos narrativos é a memória da experiência vivida como o ponto de intersecção entre a História e a Literatura.

Os textos literários, sendo representações artísticas do imaginário cultural, fazem com que a literatura comporte nuances da memória coletiva, visto que “o discurso ficcional é “quase história”, na medida em que os acontecimentos relatados são fatos passados para a voz narrativa, como se tivessem realmente ocorrido.”(PESAVENTO, 2000, p.11) Assim, a veracidade da narrativa literária é dispensável. No entanto, se verifica que a maior parte dos literários expõe subjetividade e sensibilidades de sujeitos historicamente silenciados e esquecidos porque se trata de sua memória do mundo.

A memória é entendida aqui como um recurso a partir do qual se pensa a relação entre o vivido e o narrado. A respeito desta, Nora sublinha que,

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica; a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais, flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras e projeções. (NORA, 1993. p. 9)

A partir da década de 1970, em Moçambique, a produção artística literária, a um só tempo, denunciava as violências ocorridas num país recém independente e a revalorização de tradições orais. Afinal, a experiência da oralidade incorporava memórias individuais e coletivas ligadas a tradição ancestral que mobilizou o complexo cultural palpável por

homens e mulheres moçambicanos responsáveis pela transmissão das “estórias”.

Em vista disso, Lília Momplé por intermédio do romance *Neighbours* procura construir parte da memória coletiva de Moçambique veiculada pelas narrativas orais estabelecendo relações entre as suas narrativas e as narrativas de sujeitos que não puderam externalizar a carga emocional e física de viver sob o regime pós-colonial.

Neighbours: “a sinistra vizinhança do apartheid”

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o poderio europeu sobre as colônias africanas enfraqueceu, dando espaço para solidificação dos movimentos de resistência tal como, o ocorrido em Moçambique quando, a partir da década de 1960 iniciou-se um processo de luta armada contra Portugal, em prol de sua independência pela Frente de Libertação Moçambicana - FRELIMO (1962) com o apoio de países socialistas como União Soviética, Cuba e China fornecendo material bélico e contingentes para as batalhas contra o exército português.

A Frente de Libertação Moçambicana foi criada em 1962 a partir da cooperação de organizações nacionalistas como a União Democrática Nacional de Moçambique – UDENAMO (1960) criada na Rodésia do Sul cujos membros eram recrutados entre os trabalhadores e emigrados vindos, sobretudo, de Manica, Sofala, Gaza e Lourenço Marques; Mozambique African National Union - MANU (1961) que se forma em Mombaça, no Quênia; e a União Africana de Moçambique Independente – UNAMI (1961) constituída no Malawi por moçambicanos maioritariamente originários de Tete, Zambézia e Niassa. A independência de Moçambique só foi possível em 1975 após anos de guerra contra o exército português.

A historicidade moçambicana é marcada por uma série de conflitos armados. Após a independência da colônia, a FRELIMO assumiu o controle do Estado. Nesse contexto, a literatura que antes se caracterizava pelo combate passou a denunciar o autoritarismo e a política unilateral que o partido adotou.

Em 1975 a FRELIMO redigiu a Constituição da República Popular de Moçambique, segundo a qual, os poderes estariam sob o comando do partido. A negação ao

multipartidarismo causou, internamente, descontentamentos, uma vez que se esperava novas eleições democráticas embora, segundo a Constituição, só poderia ocorrer após o terceiro congresso da FRELIMO.

Todas as leis foram criadas a partir da ideia de unidade nacional, do nascimento de um novo estado democrático de direito em Moçambique dispensando os aspectos sócio-culturais existentes no país. A Constituição previa que o presidente da república fosse o presidente da FRELIMO e que se solidarizassem “com a luta dos povos pela sua libertação nacional” e desenvolvessem “relações de amizade e cooperação com todas as forças democráticas e progressistas do mundo.” (MACHEL, 1975, p. 4)

A posição ideológica assumida pela FRELIMO motivou a organização de uma forte oposição apoiada pelos regimes segregacionistas do Sul da África. Por isso, a RENAMO foi criada pela *Rhodesian Central Intelligence Organization*, composta por moçambicanos dissidentes das tropas portuguesas e por aqueles que estavam insatisfeitos com o regime da FRELIMO. O objetivo principal da então unidade militar era a desestabilização do governo moçambicano. Os 16 anos de guerra civil que se sucederam à independência do país foi o resultado de disputas internas pelo controle do estado moçambicano. Por um lado, a FRELIMO e por outro os movimentos de oposição liderados pela RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana).

Os regimes segregacionistas de Ian Smith em Zimbábue e o Apartheid na África do Sul apoiaram a RENAMO patrocinando as tropas de guerrilha, diversos bombardeios e ataques violentos a Moçambique. Mas, a RENAMO tinha ordens para não atacar alvos militares ou cidades bem defendidas, apenas sabotar as infraestruturas econômicas e sociais. Por isso, os “seus ataques passaram a ser contra as estradas e os caminhos de ferro, escolas, hospitais, etc.” (MASSEKO, 2019, p.6). As bases militares da RENAMO foram transferidas para territórios da África do Sul, interessada em conter o avanço socialista e desestabilizar a FRELIMO.

Foi nesse contexto que Lília Momplé escreveu *Neighbours* imergindo na vida privada de sujeitos que viviam num cenário de violências. Para a autora, o livro surgiu a partir da “necessidade de partilhar uma carga [...] da morte de uma amiga que era muito boa gente”. A partir do título podemos fazer alguns apontamentos que referenciam esse

contexto de guerra civil. No prefácio do livro, Lília cita que através de um quadro da pintora Catarina Temporário que “transmitia uma sensação de agressividade” conseguiu encontrar um título para sua obra que expressasse a vulnerabilidade e o caos que os vizinhos (as três famílias de apartamentos distintos) estavam por passar por ordem de uma outra vizinhança (sul africanos) que não temiam em serem hostis em defesa ao regime de apartheid.

A autora evidencia que os acontecimentos daquela noite estavam relacionados com os sujeitos dos três apartamentos e, assim, nos insere não só no tempo presente de cada personagem, mas em histórias paralelas ao marco principal (o atentado). Ubiratã de Souza (2014) ao analisar minuciosamente cada personagem envolvido na trama e toda a estrutura da obra chama atenção para “uma arquitetura das horas” que Lília Momplé propõe em sua narrativa. Segundo ele:

Temos então espécies de “sub-narrativas”, por assim dizer, que se encontram integradas em função de uma narrativa maior, que só conheceremos no final. Dentro dessas “sub-narrativas” /apartamentos/capítulos teremos a narração do que acontece enquanto as horas passam, mas também conheceremos as minúcias da vida de cada uma dessas personagens. Cada uma dessas minúcias, no entanto, está em função de certas dinâmicas que se estabelecem na autonomia de cada um desses interiores de apartamentos, e essas dinâmicas são decisivas na economia da obra, ou seja, na macro narrativa que engloba as “sub-narrativas” (apartamentos/capítulos). (SOUZA, 2014, p.81)

Os capítulos são apresentados em horas e a cada hora as sub narrativas expõem a vida privada de cada apartamento. Mas, um deles se diferencia - o terceiro, a “*Casa de Mena e Dupont*”, no qual o atentado foi arquitetado a partir da visita de sul africanos e/ou dissidentes das tropas portuguesas que recrutavam agentes moçambicanos para “só apoiar a liquidação de alguns indivíduos incômodos para os vizinhos e amigos sul-africanos que só queriam ajudar Moçambique” (*Neighbours*, 1995, p.71).

O recrutamento de moçambicanos era a principal forma de obter soldados nas áreas de guerrilha da RENAMO. As cidades eram invadidas e saqueadas de forma brutal por tropas sul africanas. Conforme Masseko (2019)

O embrião do último conflito armado não foi meramente político, nem por Moçambique ter escolhido o socialismo, mas apenas uma alavanca para que o regime da África do Sul pudesse granjear algumas simpatias no mundo ocidental, pois devido à sua política de opressão e segregação racial teve algumas sanções

por parte da ONU, e para colher benefícios pronunciou-se como perseguidor dos regimes comunistas da região, nomeadamente, a FRELIMO em Moçambique e o MPLA em Angola. Como tal, as suas ações desestabilizadoras contra os regimes comunistas foram aplaudidas. (MASSEKO, 2019, p.17)

Em linhas gerais, o autoritarismo após a consolidação da FRELIMO no poder, a insatisfação social e o apoio de países soviéticos com as ideologias socialistas foram as principais causas da guerra civil que sucedeu a independência em Moçambique dilacerando vidas de sujeitos que foram esquecidos e omitidos da história moçambicana ao longo do século XX.

Entre o vivido e o narrado: representações das violências na escrita de Lília Momplé.

As primeiras produções literárias pautadas na tomada de consciência crítica em relação ao colonialismo português significaram a urgência de subversão ao sistema de coerção cultural racista e limitado. Após o processo de libertação, a literatura se impôs para a configuração/reconfiguração de uma identidade nacional. Os escritores dessa nova geração traduziam o cotidiano e as experiências sociais criando espaços de denúncia e recuperando as tradições orais que marcavam a memória coletiva. A respeito desse procedimento, Luís Carlos Cabaço sublinha que;

A dialética da formação da identidade exige clareza sobre os pontos de partida. E se são diversos os caminhos percorridos pelos nossos escritores, é mais ou menos pacífico para todos eles que a literatura moçambicana caminha, com maior ou menor ênfase, sobre dois carris: a língua portuguesa, como meio de expressão escrita e processo de inculturação – não como referente intertextual marcante – e a tradição oral (e agora a tradição inventada do processo revolucionário) como permanente busca de uma intertextualidade nacional. (CABAÇO, 2004, p.66)

Lília Momplé fazia parte dessa segunda geração de escritores empenhados no resgate das tradições orais. Na obra *Neighbours*, a autora orienta o leitor a refletir sobre o que está sendo narrado; a perceber aproximações do real no enredo enfatizando relações cada vez mais estreitas entre história e ficção. As representações das violências são facilmente percebidas no decorrer da narrativa - a *violência neocolonial* traduzida em guerras civis que desencadearam mais experiências traumáticas para um país que recentemente havia conquistado sua independência e a *violência cotidiana* verificada nas narrativas acerca de cada personagem em seu espaço/tempo, na obra.

Na epígrafe do livro, a autora cita a frase - “Quem não sabe de onde veio não sabe

onde está nem para onde vai”, sobrepondo a relação do presente narrado na obra com o passado dos personagens construindo, de modo esquemático, as personalidades de seus protagonistas justificando suas atitudes e comportamentos através das suas trajetórias. Nesse sentido, na perspectiva da autora só era possível compreender os acontecimentos do presente se revisitarmos o passado.

A estrutura do livro nos permite criar um recorte espacial (três apartamentos que indicam serem próximos) e o recorte temporal, uma vez que ao invés de capítulos 1, 2,3 a autora apresentou horas entrecortadas, 19h, 21h [...], em intervalos de 2 horas para cada capítulo. Não existe uma narrativa única em tempo contínuo, porque cada apartamento possui uma autonomia; as trajetórias de cada personagem perpassam entre o presente da obra e o passado trágico de cada um.

A narrativa se inicia às 19 horas. O primeiro lugar a que se tem acesso é a casa de Narguiss, de origem muçulmana, onde vivia com suas três filhas, em Maputo, sendo sustentada por um marido ausente e infiel. Neste espaço/tempo narrativo não há nada além da preparação para o Ide, isto é, a festa islâmica que marca o desjejum após o mês do Ramadã e o destaque para as insatisfações de Narguiss com o esposo e com as filhas porque ainda estavam solteiras, pois, na cultura islâmica “a principal preocupação de uma mulher”, era “agarrar marido” (MOMPLÉ, 1995 p.16). Mas, contrariando essa prática, a sua filha mais nova, Muntaz, desejava estudar e viver para além dos limites comuns de sua cultura.

O segundo lugar é a casa de Léia e Januário. Eles eram um casal apaixonado tentando sobreviver às dificuldades daquelas primeiras horas. Afinal, sem moradia, ainda viviam na casa da mãe Leia, onde ela aguardava todos os dias o seu marido. A voz narrativa remonta às memórias de Leia de como conheceu Januário e ao episódio de assédio sofrido na tentativa de conseguir um teto para o marido e filhos. Em 1976, o governo criou o APIE (Administração do Parque Imobiliário do Estado) e gerenciava os contratos de locação. A burocracia dificultava o aluguel de imóveis e, por isso, “houve quem lhe aconselhasse o suborno” (MOMPLÉ, 1995 p.21). Por fim, o jovem casal conseguiu um *flat* através de uma amiga deixando-os orgulhosos e aliviados, como bem sublinhou - “É bom estar aqui... Como é bom estar aqui...” (MOMPLÉ, 1995 p.26)

O terceiro lugar, é a casa de Mena e Dupont. Trata-se de um espaço de tensão e

apreensões gerados, sobretudo, pela avidez de Romu, um dos primeiros personagens apresentados no enredo, por quem Dupont, o dono da casa, criou antipatia devido a sua arrogância ao se comportar "como se fosse ele o dono da casa" e ele, "o criado do gajo" (MOMPLÉ, 1995 p.28). Romu e Zaliua são os visitantes sul-africanos e a casa de Dupont, o local onde os atentados eram planejados. A vida de Mena, é a expressão da violência física e simbólica praticadas pelo seu marido, pois, como sublinha,

Às vezes chega a duvidar que ele a considere um ser humano que pensa e sente como qualquer pessoa, ou se a tem em casa como uma máquina para realizar serviços domésticos e da qual pode também dispor para fazer amor à sua maneira sôfrega e apressada[...] A última vez que lhe bateu foi ainda há três dias. (MOMPLÉ, 1995 p.29)

A autora utiliza, na obra, a representação de diversas micro violências sofridas pelas personagens femininas para discutir as dores individuais e coletivas vivenciadas em uma Moçambique independente. Acerca da experiência do feminino tratado na obra, Lília Momplé, em entrevista, sublinha que

Houve uma tese de defesa de um aluno da Universidade Pedagógica que foi sobre a mulher sofrida na minha obra e a sua tese foi aceite. Toda a minha obra é baseada na realidade, e a mulher moçambicana é sofrida, é natural que ela apareça como sofrida. Gostaria que apareçam mais mulheres a escrever o outro lado. (apud. BAPTISTA, 2012 p. 13)

As horas seguintes marcam as histórias de cada um destes personagens até o momento do atentado. As suas trajetórias estão vinculadas a diversos traumas familiares, assassinatos violentos presenciados por Januário, o qual, em meio ao caos, se manteve ligado à sua origem "tão cheia de sofrimento [...] numa aldeia perdida entre as florestas do Alto Molocué" (MOMPLÉ, 1995, p.47) sentindo o desejo de reconstruir Moçambique. Mas, Dupont, Romu, Zaliua, sendo os responsáveis pelo atentado são apresentados com um caráter agressivo.

As personagens femininas são frequentes no enredo evidenciando as violências cotidianas. Mas, apenas, os personagens masculinos abrigam as sub narrativas ou subcapítulos que descreve especificamente as trajetórias de vida fugindo da estrutura dos espaços e imergindo nas vivências de Januário, Dupont, Zaliua e Romu desde a infância ao tempo narrativo da obra.

A narrativa conduz o leitor a identificar esses espaços/tempo de forma autônoma, embora os acontecimentos sejam narrados simultaneamente no quesito tempo, e os espaços

não estarem relacionados entre si. Mas, a autora deixa escapar pontos em comum como, a falta de energia às 21 horas e o noticiário às 23 horas, e o próprio atentado que ocorre 1 hora.

Os sul africanos e Dupont saem do apartamento de Mena em direção a casa de Léia e Januário, os quais são mortos, a tiros, resguardando somente a filha deles, Íris. Narguiss, em decorrência de suas insatisfações, não adormeceu naquela noite; mas, ao sair da casa foi, igualmente, alvejada. Todas as dores estavam dissolvidas às 8 horas da manhã. A autora, ao fazer uma bricolagem entre a psicanálise e a morte, sugere que as fraquezas, inseguranças e anseios já não existiam com as mortes de Leia, Januário e Narguiss, e que um novo tempo estava por se iniciar com Mena ao representá-la como “os primeiros passos para um novo e imprevisível destino” (MOMPLÉ 1995 p.155).

Pode ser verificada na narrativa inúmeras formas de relações de poder através da violência engendrada por um sistema neocolonial e de violências que estavam diretamente ligadas aos sujeitos. Essas relações de poder estão presentes nos três espaços narrativos e nos conduz a perceber as semelhanças entre as personagens femininas, a carência de autonomia dessas. Perceber essas relações constituídas no enredo é também verificar as representações de violências nesses espaços que demarcam a inferioridade feminina.

A experiência do vivido é percebida na obra traduzindo toda a carga psicológica que a autora passou sob as violências impostas pelo neocolonialismo. Em conversa com a professora Isabel Maria Casimiro, da Universidade Eduardo Modlane, em Maputo, relata algumas de suas experiências traumáticas geradas pelos atentados proferidos pelas forças do apartheid ...

Claro que o regime do apartheid ameaçava pessoas de Moçambique, atacou gente em Moçambique, invadiu o território moçambicano, perseguiram sul africanos que estavam exilados em Moçambique e também moçambicanos. Há um monumento na cidade da Matola em memória das pessoas assassinadas quando uma força sul africana invadiu, a cidade da Matola que fica a 10 km de Maputo. Maputo foi também invadida. A Ruth First, exilada sul africana do ANC E DIRECTORA ADJUNTA do CEA onde eu trabalho, foi assassinada em agosto de 1982 através de uma bomba que lhe foi enviada num envelope.... (Entrevista, dia 04 de fevereiro de 2020)

A autora, por meio de seu romance - Neighbours - faz referência a um momento específico da história de Moçambique, configurado por tensões entre os vizinhos sul africanos que criaram esforços para desestabilização do governo da FRELIMO. O atentado

narrado por Lília Momplé faz parte de um acontecimento isolado, dentre centenas de outros ataques a moçambicanos sem distinção de idade, gênero ou classe social.

A produção literária, ao se constituir como um espaço de denúncia, foi essencial para fomentar a construção de identidades culturais ao recuperar aspectos das tradições orais resguardando a importância da memória coletiva no contexto cultural moçambicano. A oralidade é uma marca incisiva no processo de construção da literatura moçambicana, o conto é um dos gêneros mais utilizados para viabilizar a continuidade das tradições orais. Hampaté Bâ reconhece a oralidade africana como forma legítima de conhecimento e a respeito da memória sublinha que:

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente. Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e sua audiência. (BÂ, 1980, p.208)

É através da oralidade que a memória dos povos é evocada e ressignificada. Por isso, para a autora, escrever é um momento de desabafos, revelações e confidências” (QUIVE, 2012 p. 1) que precisa partilhar.

Considerações finais

A literatura possibilita uma multiplicidade de imaginários que diz respeito a quem escreve, para quem escreve e do que se escreve proporcionando um vasto campo de análise para os historiadores. No caso africano, em grande medida, a escrita literária descende da oralidade como marca cultural estruturante do modo de ser africano ameaçado durante a trajetória de transformações operada no sistema colonial europeu. Nele, a escrita literária foi se moldando e ganhando forma tornando-se o principal veículo de denúncia de nuances da descolonização e, por fim, da exaltação da nacionalidade moçambicana.

Assim, é possível resgatar por meio da literatura, aspectos das dinâmicas coloniais e, do mesmo modo, as violências impostas pelo sistema colonial e a estruturação de uma nacionalidade. A autora Lília Momplé escreveu em seu próprio tempo. Em *Neighbours* praticou a alteridade, sensibilidade e a subjetividade sem deixar de dialogar com o que violentava, diariamente, os sujeitos reconfigurados em seu enredo fazendo-os falar próprios

a partir das suas trajetórias e vozes.

Com esta metodologia, a autora propicia ao leitor o conhecimento das violências praticadas pelo colonizador sobre o colonizado; das tropas do regime de Apartheid na África do Sul, ou mesmo, na esfera privada, no que diz respeito às relações de poder constituídas no cotidiano de cada personagem, pois, no contexto do romance são representadas as violências físicas, sexuais, objetificação de corpos e questionamentos sobre o processo de construção da liberdade.

A narrativa literária nos levou a compreender o porquê das experiências traumáticas do período pós independência no cenário geopolítico internacional no qual se encontrava Moçambique. Nesse sentido, se pode argumentar que há uma fronteira muito promissora entre as narrativas histórica e literária porque ambas são campos de produção de saber, embora o atinjam por procedimentos específicos e distintos. Assim, a História como disciplina ao dialogar com esta, a insere no processo de construção do discurso histórico. Portanto, elaborar uma narrativa histórica acerca de Moçambique é considerar a importância do percurso que a literatura tem feito nesse sentido.

Referências Bibliográficas

BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição Viva. In: ISKANDER, Z. (Org.) **História**. Geral da África. Vol. 1. São Paulo : Ática, Unesco, 1980. p. 181-218

BAPTISTA, Ana (2012), Lília Momplé: A mulher e a Palavra” In **Literatas**, Revista Moçambicana Lusófona, nº43, 17 de agosto, Maputo.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação – São Paulo: Editora UNESP 2009.

_____. A questão da diferença na literatura moçambicana. In: **Via Atlântica**, São Paulo, n.7, 2004.

CERTEAU, Michel de, 1925-1986. **A escrita da história**/ Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. – 3ªed. – Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, R. (2010). "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**,24(69), 6-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510> Acessado em: 20

de fevereiro de 2020.

J. A. S. LOPITO FEIJÓO K, ANGOLA, “Escrever é como se fosse um parto. É um exercício penoso!”. Entrevista **Jornal Tornado**; 17 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.jornaltornado.pt/escrever-e-como-se-fosse-um-parto-e-um-exerciciopenoso-em-conversa-com-lilia-momple/> Acessado em: 15 de dezembro de 2019

FERREIRA, Celso. A fonte fecunda; in: **O Historiador e suas fontes**/ Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). 1.ed., 2o reimpressão São Paulo: Contexto, 2012.

GIL, Fernando. **STV Lília Momplé** entrevista 26 11 201. (47m52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xU29CgEskAU&t=340s> Acessado em: 18 de novembro de 2019.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [original dos ensaios: 1987-1982] [original do livro: 1982].

LEITE, Ana Mafalda. Oralidades & Escritas Pós-Coloniais: **Estudos Sobre Literaturas Africanas**. Niterói (RJ): Eduerj, 2012.

MACHEL, Samora. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE**, 1975. Maputo.

MATA, Inocência, 2014. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42.

_____. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.10, n.2, jan/jun, jul/dez 2006.

MASSEKO, Felizardo Gabriel. A Guerra dos 16 anos em Moçambique: causas nacionais e internacionais? **Revista Nordestina de História do Brasil**, Cachoeira, v. 2, n. 3, p. 120-136, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/2596-0334-v2i3-1493>

MOMPLÉ, Lília. **Neighbours**. 2ª ed. Moçambique: AEMO,1999.

PESAVENTO, SANDRA. **Literatura**, história e identidade nacional. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/531> Acessado em: 03 de novembro de 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUIVE, Eduardo (2012), "Lília Momplé: O Mito e a Verdade" in **Literatas**, Revista Moçambicana Lusófona. nº43,17 de agosto, Maputo, pp. 9 -10. Disponível: https://issuu.com/revistaliteratas/docs/especial_lilia_momple Acessado em: 18 de



novembro de 2019.

SALGADO, Maria Teresa. Neighbours: de violências, mulheres, mudanças...e homens. **Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários** do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, julho de 2011.

SOUZA, Ubiratã. **A literatura entre lados da guerra: uma leitura comparada dos romances Neighbours, de Lília Momplé, e os sobreviventes da noite, de Ungulani Ba Ka Khosa**, Ano de Obtenção: 2014.